

## Classificação social dos animais em Kaingáng

Aryon Dall'Igna Rodrigues

A organização social do povo Kaingáng tem como um de seus elementos básicos a divisão em metades exogâmicas e a subdivisão de cada uma destas em dois ou mais subgrupos. Segundo Nimuendajú ([1914] 1987:122), essa divisão se estendia a toda a natureza. Baldus (1937), entretanto, com base em seu trabalho de campo junto aos Kaingáng de Palmas, PR, concluiu que tal extensão não existia. Já Veiga (1994), cuja pesquisa básica foi com os Kaingáng de Xapecó, SC, confirma a informação de Nimuendajú. Durante meu trabalho de campo linguístico entre os Kaingáng de Mangueirinha, PR, que falam o mesmo dialeto que os de Palmas e os de Xapecó (dialeto central), um dos membros mais idosos da comunidade me voluntariou a classificação de grande número de espécies animais segundo as duas metades sociais e seus subgrupos. Como até agora, que eu saiba, nenhum levantamento dessa classificação foi publicado, apresento aqui os dados por mim obtidos, juntamente com algumas outras informações então registradas e referentes à classificação social dos Kaingáng.

Meu trabalho de campo em Mangueirinha foi em 1951. Eu tinha completado no ano anterior a licenciatura em Letras Clássicas na Universidade (Federal) do Paraná e viajei para lá, por conta própria, depois de ter obtido informações na 7a. Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios, em Curitiba. Tive como companheiro de viagem o Oldemar Blasi, que tinha completado sua licenciatura em Geografia e História e que pretendia estrear-se em observações etnográficas, assim como eu ia estrear-me em documentação de uma língua indígena. O posto indígena era administrado como uma fazenda pelo encarregado do SPI, sr. Atilio Mazalotti, que foi muito simpático e cooperativo, tendo-me permitido mesmo consultar a documentação administrativa do posto, consulta que me estarreceu ao verificar que o Ministério da Agricultura, ao qual estava então subordinado o SPI, exigia relatórios minuciosos e com testemunhas sobre a morte de vacas ou cavalos, mas não pedia nada mais que a data do óbito nos casos de mortes de índios.

Há 50 anos não havia no Brasil nenhuma possibilidade de aprender a fazer trabalho de campo linguístico. Tudo dependia de intuição, de bom senso, de observação crítica dos acertos e erros. Foi aquela primeira experiência aventureira em Mangueirinha que me fez querer sair do Brasil para aprender fonética prática, procedimentos de análise linguística e muito mais além do que tinha podido me passar o grande pioneiro que foi o professor Mansur Guérios, ele necessariamente mais autodidata do que eu, que tive a sorte de ser seu aluno desde o ginásio até a faculdade. Assim mesmo, registrei muitos dados do dialeto Kaingáng falado em Mangueirinha, na Campina do Kretã, tanto vocabulário como frases e alguns pequenos textos. Tudo registrado diretamente de ouvido, pois ainda não havia gravadores de som portáteis. Transcrição fonética em parte à maneira dos romanistas, em parte à maneira dos registros de Curt Nimuendajú (que usava basicamente o alfabeto *standard* de Lepsius).

Sobre o povo Kaingáng eu já tinha lido o que havia escrito outro pioneiro paranaense, Telêmaco Borba, em seu importante livro de 1908, *Atualidade Indígena*, e o que registrou o etnólogo Herbert Baldus em seus *Ensaio de Etnologia Brasileira*, de 1937. Sobre a língua, além dos dados registrados por Borba, havia o ensaio de gramática e o dicionário de Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana, publicados em 1918 e 1920 e, bem mais recentes, os *Estudos sobre a língua caingangue* de Mansur Guérios, publicados em 1942. Ainda não conhecia o que havia escrito Nimuendajú sobre esse povo na parte final de seu famoso trabalho sobre a religião dos Guaraní, de que só tomei conhecimento muito tardiamente, quando obtive uma fotocópia da tradução para o espanhol publicada no Peru por Juergen Riester em 1978.

Numa tarde conversava eu com José Luís dos Santos, conhecido como o velho Coelho, na varanda da casa do encarregado. Já tínhamos conversado sobre a divisão do povo em duas metades exogâmicas e a subdivisão de cada metade em dois grupos: numa das metades *Kadnjerú* e *Votoro*, na outra *Kamé* e *Wéjnyký* (de que tratara Baldus). Em certo momento uma borboleta atravessou a varanda e eu perguntei como se dizia “borboleta”. O velho Coelho respondeu: *toto*, e acrescentou: “Essa aí é *votoro*.” Então eu lhe perguntei se os animais também se dividiam como os homens e ele disse que sim, que os bichos se dividiram na festa deles. Acrescentou ainda que o sol é *kamé* e que a lua é *kadnjerú*. Mas, quando perguntei se as plantas também se dividem assim, respondeu que não. Aí fui perguntando por vários animais e ele foi dizendo qual o grupo de cada um. Foram ao todo pouco mais de cem espécies. Ele não hesitava ao informar o grupo a que pertencia o animal, mas, sendo tantos nomes, eu quis verificar se, por acaso, não estaria ele classificando aleatoriamente. Por isso, em outro dia voltei a perguntar por vários dos mesmos animais, mas as respostas foram quase 100% consistentes com as anteriores; apenas para duas aves, a baitaca e a andorinha, houve indicação dupla, mas da mesma metade: *kamé* e *wéjnyký*

e para uma só, o marreco, atribuição às duas metades: *votoro* e *wéjnyký*. Esses raros casos de discordância em indagações separadas no tempo fazem crer que o velho Coelho estava dando um conhecimento bem estabelecido. Em favor disso contam também dois casos (morcego e besouro) em que Coelho declarou não saber classificar: “Não esteve no fandango; não sei dividi ele.”

Na lista anexa apresento os nomes dos animais em Português e em Kaingáng, seguido cada um pela indicação de seu grupo social. Estes grupos são indicados pelas seguintes abreviações: Kr = Kadnjerú, Vt = Votoro, Km = Kamé, Wn = Wéjnyký. Apresento os nomes não na sequência em que os pedi, a qual foi bastante aleatória, mas ordenados segundo categorias maiores: símios, quadrúpedes, aves, répteis, peixes, insetos. Para os nomes em Kaingáng dou a transcrição fonética que na época pude fazer, mas transliterada para os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) e seguida, sempre que possível, pela escrita ortográfica (ortografia na versão preliminar de maio de 1999 de uma nova edição do dicionário de Wiesemann). Escrevo em ortografia também, entre colchetes, alguns nomes compostos, de que só os componentes figuram no dicionário. Entre parênteses acrescento as traduções do dicionário que diferem em algum detalhe da que foi obtida de meu informante.

Quanto às borboletas, o velho Coelho disse que “uma é *ka'mε* outra *vo'toro*, outra *kadnje'ru*, outra *wéjni'ki* que morreu: é o espírito deles que virou borboleta, conforme o desenho da asa”; *to'to t̃j* ‘borboleta azul’ é “índio bom, não batizado”; *to'to ku'ʃõ* ‘borboleta vermelha’ “é um índio não batizado muito ruim, que morreu”; *to'to ku'pri* ‘borboleta branca’ “é um espírito dum homem bom que fez paz, não batizado”; “*to'to kɔŋ'ger* ‘borboleta carijó’ é *wajni'ki*”.

Embora sejam mencionados na literatura sobre os Kaingáng outros grupos ou “clãs”, Coelho não fez referência senão aos quatro referidos acima, que são os mesmos mencionados pelo informante de Baldus no toldo das Lontras no município de Palmas. Apesar de coincidir em boa parte com as informações obtidas em outras áreas do povo Kaingáng, transcrevo aqui as minhas notas registradas na Campina do Kretã:

“*Divisão da sociedade — grupos de casamento.* A sociedade divide-se em duas metades, cada uma constituída por dois grupos; tanto as metades como os grupos são exogâmicos. Uma das metades é constituída pelos grupos *kadnje'ru* (*kape'ru*) e *vo'toro*, a outra pelos grupos *ka'mε* e *wéjni'ki* (*wæjnik̃i*, *wajni'ki* *wajni'ki*). Os indivíduos *kadnje'ru* só podem casar com *ka'mε* ou *wéjni'ki* igualmente os *vo'toro*, os *ka'mε* e *wéjni'ki* só podem casar com *kadnje'ru* e *vo'toro*. A diferença dos grupos se manifesta por ocasião do casamento e por ocasião da festa dos mortos. Nesta, os índios pintam o rosto, servindo-se cada um do desenho característico do seu grupo. Segundo o índio João Luís dos Santos (*kape'ru*, ca. 82 anos, nome do mato *ʃe:r*), a pintura dos *kadnje'ru* consiste em três pontos, dispostos em triângulo, repetidos em ambas as faces

e na testa; a dos *vo'toro* é constituída por um pequeno círculo, feito com uma taquara cortada diametralmente, aplicado também sobre as faces e a testa; a dos *ka'mε* consiste em duas linhas verticais paralelas, dispostas igualmente sobre as faces e a testa; e a dos *wejni'ki* consiste em ângulos que, em ambas as faces, têm uma linha partindo do canto da boca, mais ou menos horizontal, e a outra em sentido mais ou menos vertical, com o vértice no meio da face; na testa é repetido o ângulo.

“Os filhos pertencem sempre ao grupo do pai; assim, todos os filhos e filhas do informante são *kadnje'ru*. Os *kadnje'ru* e os *ka'mε* são mais numerosos que os *vo'toro* e os *wejni'ki*; e os *ka'mε* são mais numerosos que os *kadnje'ru*.

“Segundo *fe:r*, os animais também se dividem como os homens nesses quatro grupos: a divisão foi feita na festa deles. O sol é *ka'mε*, a lua *kadnje'ru*: a lua é *jam'bre* do sol; é mulher do sol. As plantas não se dividem assim.”

A última informação, referente às plantas, não está de acordo com as informações obtidas por Nimuendajú em 1909, no alto rio do Peixe, SP, nem por Veiga em Xapecó, SC (Veiga 1994:60-61).

## REFERÊNCIAS

- BALDUS, H. *Ensaio de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- BARCATA DE VAL FLORIANA, M. Ensaio de grammatica Kainjgang. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 10, p. 529-563, 1918.
- \_\_\_\_\_. Dicionarios Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, p. 1, p. 1-392, 1920.
- BORBA, T. M. *Actualidade indigena*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- GUÉRIOS, R. F. M. Estudos sobre a língua caingangue. Notas histórico-comparativas. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, v. 2, p. 97-177, 1942.
- NIMUENDAJÚ-UNKEL, C. ([1914] 1978). *Los mitos de la creación y destrucción del mundo como fundamentos de la religión de los Apapokuva-Guaraní*. Tradução editada por Juergen Riester. Lima: Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.
- \_\_\_\_\_. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da região dos *Apapokuva-Guarani*. Trad. de C. Emmerich e E. B. Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC/EDUSP.
- VEIGA, J. Organização social e cosmovisão Kaingáng: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade jê meridional. 1994. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas.
- WIESEMANN, U. *Dicionário Kanhgág-Português-Kanhgág*. Versão preliminar. [S. l.]: Publicações Kaingáng só para uso particular, 1971.

Lista de nomes de animais em Kaingáng de Mangueirinha, PR (dialecto central), em registro fonético, seguidos da escrita ortográfica (quando disponível) e da respectiva classificação social dos animais, apresentada em 1952 por José Luís (“Coelho”) dos Santos, índio kadnierú, então com idade estimada de 82 anos. Registrada por Aryon D. Rodrigues.

## QUADRÚPEDES

anta	ɔ'jor	<i>ójor</i>	Kr
capivara	krig'ndig	<i>krygnyg</i>	Yt
coelho	ka ʃĩnbi'tõ	[ <i>kasĩn my tũ</i> 'rato sem rabo']	Wn
cutia	ki'ʃog	<i>kysóg</i>	Kr
guará	ho:		Km
lontra	fog'fej	<i>fógfénh</i>	Kr
morcego	klik'fej	<i>krygfěj</i>	----
onça, tigre	mĩŋ	<i>nũg</i>	Km
paca	kri'f̄	<i>kryrã</i>	Km
porco do mato	kre:ŋ	<i>krág</i>	Km
porco espinho	kreŋ'rer		Kr
puma, leão	miku'jõ	[ <i>nũg kusũg</i> 'onça vermelha]	Kr
quati	ʃe:	<i>xe</i>	Km
raposa, gambá	dærko'kre	<i>nér kókré</i>	Wn
serelepe	jati'ti	<i>jótiti</i>	Km
tateto	ɔk'jẽ	<i>ógsã</i>	Km
tatu do rabo duro	fæ'něj	<i>fẽnẽnh</i>	Km

tatu do rabo mole	hi:ŋ	<i>hinh</i> ('tatu')	Kr
tatu mulinha	fæ'něj̃ jĩ	[f̃ɛñɛnh s̃ĩ]	Km
veado	kɛ'mbe	<i>kãme</i>	Kr

## SÍMIOS

bugio branco	ɛg'ʔc	<i>ég'e</i> ('bugio preto')	Km
bugio vermelho	gɔŋ, ŋɔg	<i>góg</i>	Km
mico	kaj'ŋɛr	<i>kajêr</i>	Kd

## AVES

andorinha	ʃɔ'rɔjdn	<i>sórónh</i>	Kr
araguari	krĩtkrĩr	<i>krĩnkrĩr</i> ('araguai')	
baitaca Wn	ku'jẽ, ku'ŋeĩ		K m /
beija-flor	kɔ'koj	<i>kókoj</i>	Km
bem-te-vi	ri'rir		Kr
canário amarelo	fæ'rĩ		Wn
carancho	jɔŋ'gɔŋ		Kr
corruíra	jakrĩtɔk'tɔ, jakrĩtɔ'taw		Vt
coruja	keŋ'kɔ	<i>kãkó</i> ('coruja grande')	Kr
gavião 1	ka'k̄	<i>kaká</i> ('gavião penacho')	Kr
gavião 2	jɔŋ'gɔg	<i>jógóg</i>	Wn
gavião de penacho	ka'ki	<i>kaká</i>	Kr
gralha branca	ʃaŋk'ʃɔ	<i>sãgsó</i> ('gralha')	Kr
gralha preta	ke'ŋĩ	<i>kãgĩnh</i>	Kr
jacutinga carijó	pe:ŋ	<i>penh</i> ('jacutinga')	Kr
jacutinga preta	kɔ'ʔi		Km

macuco	vo:	<i>vo</i>	Km
maracanã	keŋ'er	<i>kěnkěr</i>	Kr
marreco dágua	kup'hɛŋ	<i>kunhhěg</i>	Wn/Vt
martim(-pescador)	krě'kre		Vt
nambn	nde		Kr
papagaio do peito roxo	jogĩ'ɔ	<i>jógjóg</i> ('papagaio')	Km
pato	goj'tn		Vt
pedreiro	ʃæŋ'groro		Kr
periquito	ka'jɔj		Kr
picapau	ʃɛŋkriŋ'gɔ	<i>sākrĩgó</i>	Kr
picapauzinho pequititinho	jawajf'o'je		Kr
pomba bem preta	b̄tojto'ho		Kr
pomba preta	pɛntkuĩ	<i>pěntkuĩ</i>	Kr
pomba rola	ʃɔ'rě	<i>sórāg</i> ('pomba')	Km
querequerê	reŋ're		Kr
sabiá de peito amarelo	kɔkrɪdn'joj		Km
sabiá de peito branco	ŋgɔ'dnwe	<i>gónvã</i>	Kr
sangue de boi	dʒɔjdn		Wn
saracura	pænt'f̄wŋ	<i>pěnfág</i>	Kr
socó	ʃp'ʃw		Wn
surucuá	tuk'tu		Km
tesoureiro de peito alvo	ke'viŋ	<i>kāvig</i> (‘pássaro penacho’)	Kr
tesoureiro preto	ʃĩ'ʃĩ		Wn
tiriva (periquito)	kɔ'jɔjdn		Kr
tucano	ŋro:	<i>grũ</i>	Km

tucano pequeno	ŋro'ŋro		Km
tuiutuiú	krít'kríj		Kr
uru	pít'pír	<i>pynpyr</i>	Vt
urutau	hoj'hoj		Wn

## RÉPTEIS

cágado	pe'ni	<i>pèni</i>	Kr
caninana, cobra d'água	p̄n̄t'ho	<i>p̄yn t̄y hó</i>	Wn
caninanuçu	p̄no'ror		Km
cascavel	ʃ'ʃ	<i>sãã</i>	Vt
coral, boicorá	bi'juj(d)	<i>(p̄ynfifi)</i>	Wn
jararaca	p̄n'pe	<i>p̄yn p̄ẽ</i>	Kr
jararacuçu	p̄n ju'dut ku'pri	<i>(p̄yn my junjun kupri</i> <i>cascavelzinho)</i>	Kr
lagarto	ɲãj'ŋgrɛ	<i>jãgré</i>	Km
lagarto do papo amarelo	jemu'je	<i>jẽmũje</i>	Kr
rã	kõtõ		Wn
sapo	pe'po	<i>pépo</i>	Vt
sucuri	n̄n'mo	<i>(nẽnmã 'urutu')</i>	Km
urutu	fi'fi		Km

## PEIXES

dourado	pirã'ju		Kr
lambari	kræŋgufw̄r'ʃĩ	<i>[krẽkofár sĩ]</i>	Km
peixe	kræŋku'f̄w̄r	<i>krẽkofár</i> <i>('peixe pequeno')</i>	Km



## INSETOS

abelha	mΛη, mΛηḅg	( <i>mÿg</i> ‘mel’)	Kr
aranha	ʃu:'kriŋ	<i>sukrĩg</i>	Vt
barata	jan'to		Wn
besouro	ʃ̃fa kun'did	( <i>jãfa</i> ‘fezes’)	----
bicho cabeludo	taj'ŋgɔku'ʃõ	(‘mandorová’ + kusüg ‘vermelho’)	Vt
butuca	pɛn'tu	<i>pãtu</i>	Wn
caramujo	dur	<i>nun</i>	Wn
coró de palmeira	fæn'dju		Kr
formiga	pæt'kriŋ	<i>pénkrig</i>	Wn
gafanhoto	ɔ'p:a:	ópã	Km
grilo	ɔpɛ'ʃi	( <i>firég, kriggrig, kruz</i> )	Km
lesma	pa:r	<i>pãr</i> (‘lesma preta’)	
mandorová	taj'ŋgɔ	<i>tãnh gó</i> (‘manduruva’)	Wn
minhoca	jɔ'kiŋ	<i>jókynh</i> (‘larva nas folhas caídas’)	Km
mosca	kaˊtj	<i>ka tãnh</i>	Km
mosquito miúdo	ka'ʃi		Kr
mosquito que morde	ka	<i>ka</i> (‘mosquito’)	Kr
pernilongo	ʃi		Wn
pulga	kam'pɔ	<i>kãpó</i>	Vt
vaga-lume	ke'nĩ	<i>kynĩn</i>	Vt
vespa	kɔkʷfo	<i>kógfo</i>	Km